

Dr. Donald Fowler, Contextos do Antigo Testamento, Aula 9, João 10 e a Lei

© 2024 Don Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 9, João 10 e a Lei.

Bem, na nossa última fita, estávamos tentando traçar uma sequência desde a realeza até a antiga prática oriental de libertação, isto é, cancelamento de dívidas, até a escritura onde Deus criou um sistema econômico que tem implicações teológicas de primeira ordem.

Em seguida, voltamos disso para um dos títulos reais mais prolíficos e importantes, Pastor, e percorremos o material do Antigo Testamento sobre isso. O que propus em meus próprios estudos sobre isso é que a imagem do pastor é essencial para a compreensão do capítulo 10 do Evangelho de João. Tenho certeza de que você se lembra que na fita anterior eu preparei o cenário para o Evangelho de João de duas maneiras.

Uma é voltar a João 1 e mostrar que a agenda teológica de João é mostrar que Jesus é o Messias, mas que o Messias é Deus encarnado. A segunda é que, como Deus encarnado que é o Messias, ele é capaz de realizar curas de significado excepcional. Ele vira o nono capítulo para isso completamente.

Então, com isso em mente, estamos prontos para dar uma olhada em João 10. Estou bem ciente de que este é o Contexto do Antigo Testamento. O que você talvez não saiba é que o pano de fundo de João 10 é o Antigo Testamento.

E assim, esta passagem tem sido quase universalmente interpretada como se fosse uma espécie de homilia que Jesus cria sobre si mesmo como pastor e o seu povo como ovelhas e, portanto, os vários componentes da história enquadram-se na imagem pastoral de ovelhas e pastores. Há 30 anos, fiz minha dissertação de doutorado sobre este capítulo, e quando fiz isso, há 30 anos, era uma voz clamando no deserto pela interpretação atual. Confesso-vos um sentimento de vingança porque, 30 anos depois, a minha compreensão do assunto tornou-se mais comum no Médio Oriente.

E então, que entendimento é esse? Se você interpretar esta passagem da maneira como ela era normalmente interpretada, isso significa que Jesus estava ensinando ao seu público principalmente que eu vim para proporcionar salvação para você. E isso seria uma compreensão soteriológica ou salvífica da passagem. Meu entendimento da passagem é que ela é em grande parte cristológica.

Dar a vida pelas ovelhas não significaria nada além de quem ele é. Portanto, meu entendimento da passagem é que Jesus está se revelando como o Deus pastor de Israel. Com isso em mente, deixe-me fazer uma introdução e depois veremos a passagem em João 10.

No Antigo Testamento, ninguém é chamado de pastor como título, exceto Deus ou esta figura real messiânica de que fala a Escritura. Então, acho que Jesus sabia disso, e acho que seu público estava ciente disso, que a imagem do pastor pertence ao Deus de Israel. Então, com isso em mente, vamos dar uma olhada em João 10.

Não vou ler o capítulo inteiro. É uma série de eu sou. Eu sou a porta, ele nos diz em 7 e 8. E depois em 11, ele diz, eu sou o bom pastor.

No antigo Oriente Próximo, meia dúzia de reis se autodenominavam bons pastores. Não é um termo novo. Na verdade, nos círculos egípcios, era comum o faraó referir-se a si mesmo como o bom pastor.

Portanto, não é um termo real incomum. Jesus disse: Eu sou o bom pastor, e conheço os meus, e os meus me conhecem, assim como o pai me conhece e eu conheço o pai, e dou a minha vida pelas ovelhas. E tenho outras ovelhas que não são deste aprisco.

devo trazê-los também, e eles ouvirão a minha voz e se tornarão um só rebanho. Bem, perdi um versículo: versículo 12.

Ele diz que o bom pastor dá a vida pelas ovelhas. Aquele que é mercenário e não pastor, que não é dono das ovelhas, vê o lobo chegando, deixa as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa. Ele foge porque é mercenário e não se preocupa com as ovelhas.

Eu sou o bom pastor, por isso ele repete. Isto é realmente significativo porque nos dá uma bela imagem de como funciona a teologia bíblica.

O que vejo como um fio condutor em toda a Bíblia é a realeza de Deus, conforme então revelada na realeza de Jesus Cristo como o Deus encarnado. E este, penso eu, é um tema teológico importante que une as escrituras. E então aqui em João 10, quando Jesus diz, eu sou o bom pastor, ele o faz em termos muito interessantes, dizendo-lhes, ele diz, aquele que é mercenário e não pastor, que é o dono, ele vê o lobo vindo e ele deixa as ovelhas e foge.

Uma das coisas sobre a apresentação disso como um bucólico pastor de ovelhas, tipo pastagens verdes, é que a imagem não faz nenhum sentido. Então, deixe-me percorrer as várias partes das imagens para mostrar o que quero dizer. Ele disse que era um mercenário, viu o lobo chegando e deixou as ovelhas.

Ok, lemos isso porque você se lembra de quando falamos sobre transferência vertical no início. Bem, quando vemos a palavra lobo, transferimos verticalmente o lobo que conhecemos para as páginas da passagem das escrituras. Bem, isso é realmente interessante porque é a mesma espécie de animal, mas não é o mesmo animal. O lobo que conhecemos na Europa e na América é um animal grande, 60, 70 libras, é totalmente capaz de matar um ser humano, é capaz de matar um búfalo.

Jack London o homenageou com seus dentes gigantescos e sua personalidade cruel. Bem, nada poderia ser mais distante daquele lobo e do lobo palestino. O lobo palestino é um animal solitário e pesa talvez 20 quilos.

É um animal grande. Não é nem do tamanho de um coiote macho na América. Então, é um animal solitário, e quando Jesus disse nesta passagem que quando ele vê o lobo chegando, ele foge, a audiência de Jesus sem dúvida teria dito, isso é estranho.

Não seria exagero dizer-vos que uma menina palestiniana de seis anos que pastoreia o rebanho não fugiria de um lobo palestino. O lobo teria visto a garota e se virado e corrido na outra direção. Não é um animal cruel.

Não funciona em bandos e não é perigoso. Então, por que Jesus diria que vê o lobo chegando e foge? Bem, é porque o lobo não é realmente um lobo, assim como o bom pastor não é realmente um pastor.

Há outra razão pela qual esta passagem não faz sentido. Todos esses anos, distraí minha esposa porque adoro assistir programas de animais na TV. Bem, estou aqui para lhe dizer que tenho uma recompensa por todos aqueles shows de animais e por todos aqueles momentos em que eles irritaram minha esposa, porque posso lhe contar sobre a natureza de um canino.

Quando assisto a esses programas de grandes felinos, sejam felinos grandes ou felinos pequenos, os gatos são interessantes porque, quando são capturados, matam e depois comem. Lobos ou caninos não são assim. Eles começam a comer antes mesmo de o pobre animal morrer.

Na verdade, o animal não morre porque o matam. Ele morre de choque. Portanto, uma das coisas estranhas sobre um canino, entretanto, é que ele não apenas mata assim, mas um canino, ao contrário de um gato, mata repetidamente por prazer.

Ele matará repetidamente apenas por prazer. Se o pastor, que é mercenário, abandona o rebanho ao lobo palestino, quem sabe quantos deles mataria antes de terminar, porque mata pela alegria de matar. Então faz pouco sentido aquela parte de que ele abandonaria as ovelhas ao lobo porque o lobo mataria todas elas.

Jesus compara este mau pastor a um mercenário. Bem, sabemos pela Lei de Moisés, e falaremos sobre a Lei de Moisés no restante desta hora, que Moisés tem uma lei sobre pastorear. Pastorear era uma profissão importante e, nessa profissão, ele tinha direito.

Porque os seres humanos são seres humanos, eles farão coisas desonestas. Então, você tinha essa possibilidade potencial de o pastor querer vender as ovelhas no mercado e depois contar ao seu dono, o dono das ovelhas, que a ovelha foi morta por um animal selvagem. Então, Moisés criou uma lei para lidar com uma situação como essa, a fim de mostrar sua inocência. O pastor deve apresentar as orelhas e os pés, os cascos, da ovelha como prova de que o animal foi comido e que ele não apenas o vendeu.

Bem, se o mercenário da imagem fugir, ele não terá como provar sua inocência. Então, quando você olha para as partes componentes da passagem do bom pastor em João 10, literalmente nenhuma delas se ajusta ao contexto pastoral. Então, é relativamente claro que Jesus estava usando isso simbolicamente para que o bom pastor fosse outra coisa, o lobo fosse outra coisa, o mercenário fosse outra coisa, e essas são simplesmente metáforas para outra história.

Então, o que podemos dizer que é bastante óbvio, acho que para todos nós, é que o bom pastor é Jesus. Ele diz isso. Eu sou o bom pastor.

Bem, quem é o lobo? Isso não está claro. O lobo pode ser Satanás, ou o lobo pode ser um dos reis herodianos. Muito provavelmente, o mercenário Jesus está se referindo a um dos reis herodianos.

Então, penso que o que ele está falando é razoavelmente claro, se não certo, é que Jesus está dizendo: Eu sou o verdadeiro rei. O pseudo-rei é o rei que não protegerá as suas ovelhas e, em vez disso, as abandonará. Agora, tenho o nome de um comentarista cristão muito conhecido que escreveu um comentário sobre João.

E quando eu estava escrevendo minha dissertação, ele não disse nada sobre o que acabei de dizer a você. Ele leu isso como se fosse a história de um pastor e suas ovelhas. Fiquei satisfeito ao ouvir que ele estava dizendo isso.

Também fiquei satisfeito ao ouvir de um dos meus alunos que estava fazendo doutorado com esse indivíduo, que em sua sala de aula ele mencionou o contrário, que se trata realmente de realeza e que Jesus está realmente se revelando como o Deus de Israel. . Porque no Antigo Testamento o único título de pastor é de Deus. Agora, ao olharmos para a passagem que se desenrola diante dos nossos olhos, meses depois, surgiu uma divisão entre os judeus por causa destas palavras.

E então, muitos deles estavam dizendo, ele tem um demônio e é louco, por que você o escuta? Outros diziam que esta não era a palavra de alguém possuído por um demônio. Um demônio não pode abrir os olhos dos cegos, pode? Veja como João nos leva de volta ao capítulo anterior como uma autenticação de quem é Jesus? Bem, naquela época, a Festa da Dedicção acontecia em Jerusalém. Era inverno, e Jesus caminhava no templo do pórtico de Salomão e os judeus, portanto, reuniram-se em torno dele e perguntaram-lhe: até quando nos manterás em suspense? Se você é o Messias, diga-nos claramente.

Em outras palavras, o que Jesus fez de fato não era incomum em relação ao modo como ele funcionava: ele dizia algo que poderia ser entendido de duas maneiras diferentes. Poderia ser entendida como uma simples história de pastor de ovelhas, ou poderia ser entendida que Jesus estava dizendo que ele é o Messias porque ele é o pastor sobre o qual Ezequiel pregou no capítulo 34. Bem, no final das contas, não brinque conosco.

Diga-nos claramente, você é o Messias? No versículo 25, Jesus respondeu e disse-lhes: Eu vos disse, mas vós não acreditastes nas obras que faço em nome de meu Pai. Estes dão testemunho de mim. Quando Jesus diz, eu te disse, ele deve estar se referindo ao que disse na história do Bom Pastor. Quando ele disse: eu sou o bom pastor, eu estava lhe dizendo que sou o Messias.

Isso me parece constituir um claro equivalente entre o pastor de Israel no Antigo Testamento, que é Deus, e Jesus como o Messias, que é o pastor de Israel agora, que é Deus encarnado. Por último, comentarei isso enquanto me preparo para ir além do Novo Testamento. Acho que há um sentido em que João leva seu evangelho ao clímax como resultado desta história.

Porque depois que Jesus lhes disse, vocês ouvem a minha voz mas não as conhecem, mas eu conheço as minhas ovelhas, dou-lhes a vida eterna no versículo 28, elas nunca perecerão, ninguém as arrebatará da minha mão. Ele continua dizendo a eles: Eu e o Pai somos um. Essa é exatamente a mensagem de Ezequiel 34.

A mensagem de Ezequiel 34 é que os novos Davi e Jafé são um e o mesmo. Eu e o Pai somos um. Acho que isso leva o objetivo teológico de João ao seu clímax, porque agora Jesus foi indiscutivelmente revelado através de todos esses capítulos como sendo não apenas o Messias, mas o Deus encarnado.

Daqui em diante, o resto do livro é de alguma forma anticlimático em relação ao objetivo teológico geral de provar que Jesus e Deus são um e o mesmo. Eu diria a você, não porque vou falar longamente sobre isso, o que faço em minha aula deste curso, mas porque só quero ouvir você me dizer que as verdades, estou lhe contando sobre pastoreio tem implicações para a liderança dos líderes cristãos do Novo Testamento. Nenhum líder cristão do Novo Testamento é chamado de pastor com

exceção de Efésios 4.11, quando diz que Deus levantou alguns pastores, vírgula, mestres.

Se for assim, esse é o único lugar onde qualquer líder do Novo Testamento é chamado de pastor. O pastor está reservado para Jesus no Novo Testamento, penso eu, da mesma forma que o pastor está reservado para Deus no Antigo Testamento. Então, o que eu proporia a você é que o fato de o Novo Testamento se referir aos seus líderes ocasionalmente como subpastores tem implicações sobre como o ministério pastoral deve ser conduzido.

Então, o que eu diria a você é que as implicações disso podem ser incorporadas nesta simples afirmação: se Jesus é o bom pastor e nós, como pastores, somos os subpastores, então nosso papel é semelhante ao papel dele, e isso é o ministério pastoral está incorporado no mesmo tipo de terminologia. Nosso papel como subpastores é fornecer e proteger. Essa é a missão exata de Jesus, essa é a missão exata de Deus, e penso que como seus representantes, esse é o nosso papel também.

Então, o que fiz foi tentar apresentar um pequeno retrato de como um conceito como Deus é rei pode percorrer todo o Novo Testamento. Não é por acaso que, quando chegamos ao livro do Apocalipse, João descreve o governo de Jesus enquanto ele pastoreia com vara de ferro. Ele ainda se refere a Jesus como o rei de Israel.

Então, o que eu nos proporia ao deixar esse conceito de antecedentes é: se você quiser encontrar algo que una a Bíblia, essa é uma daquelas coisas que pode funcionar. O conceito da realeza de Deus, o conceito da realeza de Deus em Jesus, o conceito do reino de Deus nos subpastores cria uma rubrica que percorre, creio eu, grande parte das escrituras. Então, dito isso, vou mudar de assunto agora com vocês e passar para onde estamos em nossas anotações agora, o que é uma mudança bastante abrupta e dramática da realeza para a lei.

Agora, à primeira vista, isso parece uma mudança realmente dramática. O que estou fazendo aqui é mostrar como a lei de Moisés é semelhante à lei de Hamurabi. Então, estou mostrando a vocês que certamente não são documentos copiados, mas há muitas semelhanças bastante interessantes entre essas duas leis.

Veja as ofensas capitais que temos na lei de Moisés, e depois observe as ofensas capitais que temos em Hamurabi. O que você verá é algo assim. Cerca de um terço ou talvez um quarto deles são iguais.

Mas o que você vê é que no código de Hamurabi faz Clint Eastwood parecer um maricas. Roube uma garrafa de vinho, morte. Roubar algo, ponto final, morte.

Relatar propriedade falsa, relatar falsamente propriedade perdida, morte. Em outras palavras, o que o código de Hamurabi revela é que você matou pessoas, executou pessoas por quase tudo. Bem, quando olhamos para esses dois documentos e os comparamos, há uma série de coisas que eu diria a vocês.

O Antigo Testamento tem um número muito menor de crimes capitais do que o Novo Testamento. Existem 282 leis no Código de Hamurabi. Existem 611, ou 613 porque os rabinos as contaram de forma diferente, leis do Antigo Testamento.

O Antigo Testamento tem cerca de dois e um terço do número de leis que Hamurabi, mas Hamurabi tem quatro vezes mais crimes capitais. Isto nos diz que o código de Moisés, embora seja maior, tem um número muito menor de crimes capitais. Em segundo lugar, quando tentamos comparar o código de Hamurabi com a lei de Moisés, podemos aprender que o código de Moisés é em grande parte uma lei religiosa.

As pessoas não são executadas porque roubam; eles são executados porque roubar é pecado. No Código de Hamurabi, é direito civil.

Não é uma lei do estado. É a lei do estado. Essa é outra distinção importante entre como funciona a lei que Deus deu a Moisés e como funciona a lei que Hamurabi escreveu.

A lei de Hamurabi é a lei civil. O código de Moisés é claramente uma lei religiosa. Terceiro, há uma comparação importante entre a filosofia destes dois códigos legais.

O código legal compartilha uma situação idêntica interessante. É chamada em Números 5, a lei do ciúme. Hamurabi tem uma lei idêntica.

A lei do ciúme é esta situação. Se um homem suspeita que sua esposa foi sexualmente infiel, ele deseja fazer uma acusação. E assim, ambos os códigos legais têm uma lei idêntica que trata desta questão da infidelidade sexual.

No Código de Hamurabi, uma mulher é acusada disso. Seu marido a leva diante do padre. Os sacerdotes amarraram-lhe as mãos e os pés e atiraram-na ao rio.

Se ela sobreviver, ela é inocente. Contudo, a teologia da lei de Hamurabi era que o rio é um deus. Então, se o deus a engolir, ela é culpada.

Ao passo que se o deus não a engolir, ela será inocente. Isso é, na verdade, julgamento por provação. Ela é, em certo sentido, considerada culpada, a menos que possa provar que é inocente.

Ela tem que sobreviver à provação para provar sua inocência. Agora, curiosamente, há uma teologia no código de leis de Hamurabi, mas presume-se que ela é culpada, a menos que possa mostrar a sua inocência. No Código de Moisés, é assim que a lei funcionava.

Se um marido acreditasse que ela tinha sido infiel, ele a levava à presença do sacerdote, e ali no tabernáculo, Números 5, o templo ainda não estava construído, ali no tabernáculo ela fazia um juramento de inocência. Aí o sacerdote pega um pouco da terra, um pouco do sedimento, do chão do tabernáculo, ele coloca na água, ela jura inocência, ela bebe a tigela com a água, e então ele coloca o sedimento nela, e se nada acontecer com ela, ela é inocente. Se, no entanto, depender de lermos literalmente ou não, mas se a coxa dela inchar, então ela é culpada.

Agora, quando você compara essas duas leis, é absolutamente fascinante para mim porque o código de Moisés, em essência, sugere que ela é inocente até que sua culpa seja provada. Ou seja, ela bebe do sedimento que é sagrado, e se nada acontecer com ela, o que seria normal, ela é inocente. Não há julgamento por provação.

Ela é presumida inocente, a menos que Deus mostre que ela é culpada. É uma análise fascinante destes dois códigos legais porque nos demonstra que eles têm pressupostos diferentes, nomeadamente, num, você é inocente até que se prove a sua culpa, e no outro, você é culpado até que se prove a sua inocência. Tenho uma seção em minhas anotações de aula, você não está feliz por tê-la disponível, na qual comparo ideias semelhantes nos dois códigos legais.

É muito interessante ver como eles são parecidos. Lembra-nos que Deus deu a sua revelação dentro da cultura, não acima da cultura, e isso tem implicações reais sobre o que Deus escolhe dar. Então, veja esta lista de semelhanças que tenho entre esses dois códigos, uma quantidade razoável de semelhanças bastante impressionantes.

Então, vamos falar sobre outras implicações disso, mas aqui, a propósito, está uma foto de Hamurabi diante da divindade Shamash, e Shamash está dando a ele talvez algum tipo de caneta, não tenho certeza do que é. é, mas aqui está a parte superior da estela que é o Código de Hamurabi. O Código de Hamurabi é mais alto que eu, tem cerca de um metro e oitenta. Então aqui temos, é isso que temos diante de nós aqui.

Então, pensei que seria hora de falar sobre os vários códigos legais que temos no antigo Oriente Próximo. Até hoje, o código de lei mais antigo que temos é o de Ur-Nammu, que é sumério, e remonta a 2.100 aC. O próximo código de lei mais antigo que temos é o de Lippit-Ishtar.

Ele talvez fosse rei de Isen, e é sumério também, mas então, em 1800, temos um código de leis escrito, é claro, em nome de um rei, mas não sabemos que rei era

esse. Então, chama-se Eshnunna porque foi nessa cidade que foi encontrado. O último desses grandes códigos legais é Hamurabi, por volta de 1750, do qual existem muitas cópias, uma grande estela e numerosas tabuinhas que datam de períodos posteriores, o mais famoso desses códigos legais.

Portanto, o código que Moisés traz à cena está bem atrasado no jogo. O código da lei de Moisés é de cerca de 1450, o que significa que é mais de 300 anos depois de Hamurabi, no final do jogo. Assim, ao olharmos para estes, podemos ver que há limites para o que o código de Hamurabi pode fazer.

E então esses limites, eu acho, são triplos. Ambos os documentos poderiam ser considerados documentos religiosos. Hamurabi, por exemplo, se imagina recebendo seu código da divindade Shammash.

Mas seria difícil descrever o código de Hamurabi como moral. É brutal e violento, por isso é pouco provável que consigamos compreendê-lo. Ao contrário da moda dramática, é diferente do código de Moisés, que poderia ser classificado como muito gentil comparado aos padrões de sua época.

Em segundo lugar, o código de Moisés é diferente do código de Hamurabi porque o código de Hamurabi é uma jurisprudência. Cada parágrafo começa com a frase *Shuma avilum*, se um homem faz isso e aquilo. Isso é chamado de jurisprudência porque Hamurabi está lidando com casos individuais de situações jurisprudenciais.

Pensamos agora que Hamurabi não escreveu nenhum código legal. A maioria dos estudiosos hoje parece pensar que o que chamamos de Código de Hamurabi é simplesmente uma lista de 282 decisões tomadas por Hamurabi. E realmente não é um código legal.

O código de Moisés tem alguma jurisprudência, mas não é muita. A lei de Moisés tem um nome chique. É chamado de apodítico.

Uma lei apodítica é uma lei proposicional. É a lei que se caracteriza pelo comando. Você não deve ou deve.

Bem, curiosamente, não temos praticamente nenhuma lei no antigo Oriente Próximo que seja lei proposicional. As leis do antigo Oriente Próximo são jurisprudências. A lei de Moisés é em grande parte propositiva, fazendo declarações éticas sobre o que é certo e o que é errado antes de qualquer violação que possa ocorrer.

Isso significa que a lei de Moisés é mais uma vez mais ética, uma vez que as suas declarações anteriores ao crime explicam a lei de Moisés. Então deixe-me contar os dois primeiros. O código de Hamurabi pode ser religioso, mas nem sempre é moral.

Em segundo lugar, o código de Hamurabi é exclusivamente jurisprudência, enquanto Moisés é principalmente lei apodítica ou proposicional.

Terceiro, o código de Hamurabi é estratificado em sua essência . Ele tem quatro grupos diferentes.

Você realmente não precisa se lembrar disso, mas existe uma hierarquia para o seu status na sociedade. No topo da lista estava o avilum. Abaixo do avilum havia uma categoria social inferior chamada muskeinum.

Abaixo disso havia uma terceira categoria, vardum, que era para escravos. E a quarta categoria era para as mulheres, as mulheres estavam realmente nas classes mais baixas, uma vez que não tinham direitos inerentes. Então o que nos diz é que, no código de Hamurabi, a lei para um crime cometido por um avilum, um homem livre que possui terras, tem uma punição diferente para o crime do que se fosse um escravo ou uma mulher.

Portanto, o Código de Hamurabi trata de uma cultura que estava radicalmente dividida em classes. O código em Israel era dramaticamente diferente no sentido de que em Israel todos eram parceiros iguais na aliança. E o código de Hamurabi era muito diferente.

Todos eram irmãos se fossem homens, e se a mulher estivesse envolvida, então era uma irmã. Então, isso me permite voltar minha atenção para um fenômeno do direito que nem sempre é visível. E vou apenas subir aqui para que você possa ver o que tenho em mente sobre isso.

Quando começamos isso, estávamos falando sobre uma comparação entre a lei de Moisés e o código de Hamurabi. Então, o que quero fazer é mostrar como, quando você entende isso corretamente, a lei na Bíblia Hebraica tem sua âncora e fundamento na realeza. Vivo em uma cultura como a sua, que tem muitas leis.

Mas não é a lei que nos foi dada pelos reis. É uma lei que os líderes do nosso país criaram, e os líderes subsequentes criaram mais leis. E, em alguns casos, todos nós, numa democracia, ratificamos essa lei ao aprová-la.

No mundo antigo, eles viam a lei como um presente dos deuses. Hamurabi é retratado recebendo a lei de Shamash. Na Bíblia Hebraica, o mesmo é verdade.

O direito é uma área temática que pertence à proveniência da realeza. Então, o que eu gostaria de fazer é pedir a vocês, se vocês têm suas Bíblias, que abram comigo o capítulo 17 de Deuteronômio. Em Deuteronômio 17, temos uma passagem que se enquadra no que eu chamaria de Constituição de Israel.

Em outras palavras, nesta Constituição de Israel, temos leis que se estendem desde Deuteronômio 16 até o capítulo 17 que tratam da liderança de Israel, juízes e administradores, reis e levitas e profetas. Assim, nestes capítulos que vão do 16 ao 18, temos leis em nome de quatro categorias constitucionais principais. Eles são juízes, reis, levitas e profetas.

Esta é uma constituição nacional. Estes são os escritórios básicos do governo que administrarão o país. Gostaria que você visse como isso pode ser semelhante ao mundo de Israel.

Assim, os israelitas tinham levitas ou sacerdotes. Bem, os vizinhos deles tinham padres. Os israelitas tinham profetas.

Bem, os seus vizinhos não tinham profetas, mas tinham funcionários religiosos. Os israelitas tinham juízes. Bem, os vizinhos deles tinham juízes.

Deus programou reis para Israel assim como seus vizinhos. Mas observe a diferença de realeza entre Israel e os seus vizinhos. Em Deuteronômio 17, Deus diz isso no capítulo 17, versículo 14.

Veja, vou reagir contra um mal-entendido de 1 Samuel 8. Você se lembra, em 1 Samuel 8, os israelitas vêm a Samuel e dizem: dê-nos um rei como todas as outras nações. E Samuel está muito chateado com o pedido. O próprio Deus diz que eles pecaram, mas Deus diz para atender ao seu pedido e dar-lhes um rei.

Agora seguiria as regras da lógica. Eu tive uma aula de lógica na faculdade. Isso foi há muito tempo atrás.

Pelas regras da lógica, não pode ser pecaminoso porque Deus lhe disse para fazer isso. Então, voltaremos àquela passagem de 1 Samuel 8, mas quando o fizermos, quero deixar claro que a realeza é apenas um ofício. Não é moral nem ético.

Não é moral nem imoral. É apenas um escritório. É o modo como o escritório funciona que o torna moral ou imoral.

Então, o povo pediu em 1 Samuel 8, dê-nos um rei como todas as outras nações. Deus disse que eles pecaram, mas dê-lhes um rei. Então, o que Deus estava concordando era com o cargo, mas não como todas as outras nações.

Portanto, esse é um contexto importante para Deuteronômio 17, versículo 14. Quando você entrar na terra que o Senhor, seu Deus, lhe dá, e você a possuir e morar nela, e você disser: Eu estabelecerei um rei sobre mim, como todas as nações que estão ao redor mim, Deus lhes diz: Certamente constituireis sobre vós um rei a quem o Senhor vosso Deus escolher. Tudo bem? Então isso é importante. Isto é

matematicamente, Deuteronômio 17 é 400 anos antes de 1 Samuel 8. 1 Samuel 8 quando eles pedem um rei, não está pedindo algo que nunca existiu antes.

Eles estão simplesmente pedindo o que Deus prometeu em Deuteronômio 17. Então, quando você pede um rei, como todas as outras nações, Deus diz que você deve escolher, deixe-me ler novamente, versículo 15, a quem o Senhor seu Deus escolher, um dentre seus irmãos. Tudo bem? No versículo 15 de Deuteronômio 17, você não escolhe o rei, Deus escolhe o rei dentre um de seus irmãos.

Observe comigo a natureza igualitária deste pedido. Seu rei não está acima de você, ele é um de vocês. É crucial ver a terminologia, escolher um irmão para ser rei.

Todos conhecemos casos na história americana em que os presidentes se esqueceram de que foram escolhidos pelo povo e assumiram para si um estatuto especial. Bem, veja você, a metodologia de Deus para Israel é que o rei não está acima de você. Ele é um irmão. O Senhor o escolherá e ele é seu irmão.

Em segundo lugar, ele diz que vocês não podem colocar acima de si um estrangeiro que não seja seu compatriota. Esse não é o segundo, é apenas o primeiro. Ele deve ser um irmão. A segunda é que ele não deve multiplicar cavalos.

Agora, tenho certeza que em um público do tamanho deste público para esta aula, há pessoas que simplesmente não entendem imediatamente por que ele não deve multiplicar cavalos. A resposta é que o cavalo é uma metáfora para alguma coisa: o cavalo é uma metáfora para o poder militar. E assim, quando o texto diz que ele não deve multiplicar cavalos, está apenas a dizer que ele não deve ser militarista.

Primeira coisa, ele deve ser um homem que Deus escolhe dentre seus irmãos. Em segundo lugar, ele não deve ser militarista, não deve multiplicar cavalos. Terceiro, ele não deve multiplicar esposas.

Bem, na verdade, multiplicar esposas também é uma metáfora. É uma metáfora não tanto para a construção de um harém, mas para a antiga prática de que quando você se casa com uma mulher de outra cultura ou de outro país, é uma forma de criar uma aliança militar. Parece estranho para nós, mas naquela época todo mundo fazia isso.

Quando você fez uma aliança, suponho que em todos os casos, a aliança foi oficializada com o casamento com a filha do seu parceiro de aliança. Todos nós, é claro, sabemos que Salomão fez isso em grande escala. Portanto, ele não deve multiplicar esposas, o que significa que não deve fazer alianças internacionais.

Então, por último, ele diz que não deve multiplicar prata e ouro. Ele diz que não deve multiplicar o rei. Bem, isso também é uma metáfora.

O que isso significa é que o rei não deve ser materialista. Assim, ao olharmos para os quatro pontos negativos, ele não deve ser um estrangeiro, não deve ser um militarista, não deve ser um internacionalista e não deve ser um materialista. Essas são as quatro coisas que o tornaram igual a todas as outras nações ao redor de Israel.

Adivinhe quem violou todos os quatro? Salomão, ou pelo menos os três últimos de espadas. Então, o que significa para Israel ter um rei? Bem, é algo assim. No versículo 18, acontecerá quando ele se sentar no trono do seu reino, ele escreverá para si mesmo uma cópia desta lei em um pergaminho na presença dos sacerdotes levíticos.

E estará com ele, e ele o lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor seu Deus, observando cuidadosamente todos os estatutos, todas as palavras desta lei e estes estatutos. Para que seu coração não se exalte acima de seus irmãos, e para que ele não se desvie do mandamento nem para a direita nem para a esquerda, a fim de que ele e seus filhos possam continuar por muito tempo no reino no meio de Israel. Este é um documento incrível, amigos, porque o que ele nos diz é que o que faz o rei israelita, aos olhos de Deus, é a sua fidelidade à lei.

Ele deve fazer cópias da lei que Deus deu a Moisés. Deus revelou sua santa lei a Moisés, e é responsabilidade de todo rei israelita fazer cópias dessa lei e garantir que essa lei se torne a lei da terra. Agora, esta não é exactamente a lei e a ordem que temos em mente aqui porque, como dissemos, esta é em grande parte uma lei religiosa.

Mas penso que é um ponto de importância monumental porque nos lembra a forma como Deus se relacionou com Israel através da observância da lei. Deus revelou a lei a Moisés. Pessoalmente, acredito que Moisés foi o primeiro rei de Israel.

Deus revelou a lei a Moisés, deu-lha e Moisés escreveu-a. Todos os reis subsequentes deveriam fazer cópias da lei. Mas quer tenha sido a lei que Moisés escreveu ou quer tenham sido as cópias da lei, por favor note que a forma como Deus, que é o rei de Israel, se relacionou com o seu povo foi através da lei.

Quantas vezes no livro de Deuteronômio vemos Deus dizer aos israelitas para terem cuidado em guardar a lei? Toda a lei. Há pessoas que compreenderam mal o papel da lei e da manutenção da lei, e parecem ter de alguma forma chegado à conclusão de que a manutenção da lei é legalismo e que o legalismo é uma coisa má. O que eu gostaria de lembrar a vocês na aula é que a observância da lei no antigo Israel eram as estipulações escritas da aliança.

Quer você saiba disso ou não, na América, quando você se torna cidadão, você concorda em ser uma pessoa que cumpre a lei. Temos muitas leis neste país. Na verdade, temos muito mais leis do que Deus deu a Moisés, numericamente.

Como cidadão do estado da América, ou você cumpre a lei ou pagará a punição. Bem, a lei no mundo antigo era ainda mais importante porque era a lei religiosa e era o sinal da aliança. Então, o que eu gostaria de pedir que você visse comigo é que você não pode, no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, relacionar-se com Deus independentemente da lei.

A lei é boa, santa e perfeita porque foi exatamente isso que Paulo disse que era em Romanos. Então, o que vemos se desenrolar na tradição bíblica é que Deus, o Rei, inspirou a lei a ser escrita. Na verdade, o que eu sugeriria a você é que lá atrás, em Gênesis 1 e 2, antes de haver qualquer nação oficial para dar lei, Deus deu lei ao primeiro casal.

Ele deu uma lei para aqueles que diziam: você deve trabalhar ou cuidar do jardim. Você deve cuidar do jardim. É sua responsabilidade.

Ele lhes deu uma lei para serem frutíferos, multiplicarem-se e encherem a terra. Esse seria o jardim. E ele lhes deu uma lei que dizia: você não deve comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Então, esse que eu acho que é um dos meus pontos mais importantes, e não posso perder tempo para desenvolvê-lo porque já estamos avançando. Então, o que eu sugeriria para aqueles de nós que somos da tradição cristã é que a observância da lei está inseparavelmente relacionada a Deus como o Rei. Deus, o Rei, é aquele que dá a lei aos seus súditos, seja Deus, o Rei sobre Israel, no Antigo Testamento, ou Jesus, o Rei, no Novo Testamento.

Quase ninguém parece saber que, se fizermos isso de forma proporcional, Jesus deu mais leis no Novo Testamento do que Moisés no Antigo Testamento. Existem mais de 200 leis no Novo Testamento, embora o Novo Testamento tenha apenas cerca de um terço ou um quarto do tamanho do Antigo Testamento. Moisés deu 600.

Se você fizer as contas, há mais leis na Nova Aliança do que na Primeira Aliança, proporcionalmente. Então, o que eu sugeriria a todos nós é que nos lembremos de que quando você vir a palavra lei, deverá ver uma palavra antes dela. Então eu vejo a palavra lei.

Essa é uma escrita em inglês muito ruim. Eu culpo outra pessoa. Existe a palavra inglesa lei.

Se você quer pensar biblicamente, então o que você precisa fazer é colocar uma palavra antes disso, porque é Deus quem dá a lei. A lei é inseparável da aliança e, portanto, quando Deus fez uma aliança com Israel através da liderança de Moisés, ele deu a lei, e a responsabilidade do Rei em Israel foi incorporada dramaticamente ao fazer uma cópia da Lei Mosaica para cada rei sucessivo. Então, na minha maneira

de pensar, isso deveria afetar até mesmo a forma como pensamos sobre a lei no Novo Testamento.

Estamos acostumados a falar que não estamos sob a lei; estamos sob a graça. Não estamos sob a Lei Mosaica, mas sempre estivemos sob a graça. É um falso contraste entre lei e graça.

Lei é o que você faz quando pensa em Deus. Quando você ama a Deus e se compromete com ele, você guarda sua lei. Então, aquilo contra o que Paulo parece estar reagindo em livros como Gálatas e Romanos, na minha opinião, é em grande parte, talvez não exclusivamente, mas em grande parte é a salvação pela observância da lei.

Bem, não obtemos a salvação porque guardamos a lei. Guardamos a lei porque experimentamos a salvação. São os homens e as mulheres que fazem o convênio de que encontramos os meios pelos quais guardamos a lei.

Assim, ao encerrar esta palestra, o que direi mais uma vez é que o conceito que estamos abordando é o conceito de realeza, e a realeza está inextricavelmente relacionada à lei. Então, acho que isso exige uma reavaliação séria quando entramos no Novo Testamento. Pois o próprio Jesus disse isto: se você me ama, guarde os meus mandamentos.

O grande rei, o Senhor Jesus, disse aos seus discípulos que a forma como nos relacionamos com ele é fazendo o que ele nos manda. Agora, na próxima palestra, mudaremos de assunto de maneira bastante dramática e deixaremos, mais especificamente, esse conceito de realeza e seguiremos em frente. Mas espero poder deixar na sua boca um forte sabor sobre a importância suprema do tema da realeza em dar coesão à Bíblia como seu todo.

Portanto, mudaremos de página aqui em breve e voltaremos nossa atenção na próxima seção de nossa aula para uma nova área temática. Obrigado.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 9, João 10 e a Lei.